

Árvore querida: Uma experiência de afeto e natureza Dear tree: an experience of affection and nature

Marina Vargas TOMAZ*
Mara Rúbia de Almeida COLLI**

RESUMO: Neste texto, compartilhamos aspectos didáticos-pedagógicos acerca de uma experiência em arte-educação realizada na Escola Municipal Professor Domingos Pimentel de Ulhõa com os 3ºs e 4ºs anos do ensino fundamental em parceria com o Arte na Escola Polo UFU – Uberlândia/MG, durante o ano de 2018. Por intermédio deste relato de experiência, apresentamos algumas estratégias de mediação na perspectiva artístico-educacional que favoreceram a reflexão e a ação discente dentro da temática “arte e natureza” no contexto escolar. Nosso intuito com esse trabalho foi a desconstrução de estereótipos e de formas padronizadas de compreender o entorno, de modo a sensibilizar o olhar discente para si em relação ao meio, ampliando a percepção do sujeito. Para isto, realizou-se o diálogo com autores, artistas e suas obras, cujas percepções contribuíram para esta práxis, colaborando para a construção do conhecimento em arte-educação contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Árvore. Arte-educação. Sensibilização do olhar.

ABSTRACT: This report shares didactic-pedagogical aspects about an experience in art education carried out at the Municipal School Professor Domingos Pimentel de Ulhõa with the 3rd and 4th years of elementary school in partnership with the Arte na Escola Polo UFU - Uberlândia / MG, during the 2018. Through this experience report, it presents some mediation strategies in the educational artistic perspective that favored reflection and student action within the theme art and nature in the school context, highlighting the deconstruction of stereotypes and standardized ways of understanding the surroundings, to sensitize the student's gaze towards themselves in relation to the environment, expanding the subject's perception. For this, a dialogue was held with authors, artists and their works whose perceptions contributed to this praxis, collaborating for the construction of knowledge in contemporary art education.

KEYWORDS: Tree. Art education. Eye awareness.

1. Introdução

“Árvore querida: uma experiência de afeto e natureza” foi um projeto em arte-educação realizado na Escola Municipal Professor Domingos Pimentel de Ulhõa com turmas do 3º e 4º anos do ensino fundamental em parceria com o Polo UFU Rede Arte na Escola –

* Mestra em Arte (IARTE/UFU). Assessora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação – CEMEPE. E-mail: mvargastomaz@gmail.com

** Mestra em Arte (IARTE/UFU). Docente da área de Arte na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba/UFU). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1164-056X> E-mail: mara_colli@ufu.br

Uberlândia/MG, durante o ano de 2018. Este relato de experiência apresenta um recorte, um fragmento do processo do fazer e pensar artístico no contexto escolar.

O projeto buscou desenvolver estratégias que favorecessem a reflexão didática acerca das diferentes expressões artísticas, intencionando a desconstrução de formas padronizadas de perceber o entorno, na medida em que questionava as imagens estereotipadas de modo a refletir, instrumentalizar, ampliar e sensibilizar o olhar discente. Esta foi uma oportunidade de rever e refletir sobre os caminhos percorridos no processo anterior, iniciado em 2017, quando as primeiras ações foram propostas, ampliando as possibilidades e desdobramentos da pesquisa didática, agora acompanhada pela ação extensionista Arte na Escola.

As orientações dadas pela coordenação do Arte na Escola Polo UFU partiram, em 2018, de uma retrospectiva do processo de ensino realizado. Nesse momento, foram revisitados os objetivos previstos e conquistados, as etapas da pesquisa, bem como os registros e imagens, os resultados, as avaliações e reflexões de todo o percurso alcançado até aquele momento. Após ser revisto este primeiro conjunto de ações, uma projeção das estratégias futuras foi elaborada, elencando quais aspectos metodológicos e relações processuais manteríamos e quais poderíamos modificar. Considerando a dinâmica das ações, e entendendo que a pesquisa didática, segundo Libâneo (2008), diz respeito à mediação da aprendizagem feita pelo professor, esse trabalho representou um emaranhado de ações e de momentos que foram construídos e se refizeram constantemente, numa relação dinâmica entre os sujeitos que a sustentam.

Para o desenvolvimento da pesquisa didática e para a continuação do projeto, esboçamos o planejamento semestral e um cronograma das principais ações que seriam desenvolvidas, reunindo as referências bibliográficas, imagéticas e definindo as intenções investigativas, a saber: estudo sobre as formas estereotipadas presentes no ambiente escolar, a relação com o desenho e seus gestos; a reflexão acerca de algumas expressões artísticas e seus movimentos, bem como apreciação de obras e apresentação de artistas. Tudo isso por meio do desenvolvimento de um olhar sensível, reflexivo e crítico por parte dos docentes e dos discentes envolvidos, a fim de que estes observassem o entorno do espaço escolar. Só então, após esse momento de organização e planejamento, as ações foram iniciadas e efetivadas com as referidas turmas.

Projeto

A ideia para o desenvolvimento deste projeto surgiu de um momento afetuoso e significativo, uma vivência compartilhada com o pai de uma das autoras no início de 2017, onde, no encontro com uma grande árvore, ela percebeu que as sensações e os desdobramentos ali provocados, tanto o encantamento quanto a curiosidade, indicavam possíveis caminhos a serem percorridos também com as turmas, partindo de lugares comuns do cotidiano, daquilo que nos afeta, enquanto seres complexos e interligados, daquilo que nos atravessa dentro do caminho do sensível.

Segundo Wallon (2007, p. 10), a emoção é fator preponderante no ambiente escolar. A construção e a percepção do “eu” são formadas pelas convivências e atravessamentos que a criança vivencia em seu cotidiano, entre os quais a professora de arte, sujeito esse que se coloca como um facilitador neste processo de escuta e mediação.

Deste modo, a partir desta concepção, as relações construídas ao longo do projeto foram alcançando formas, aproximando os estudantes dos espaços escolares cotidianos, trazendo o sentimento de pertencimento e estabelecendo relações entre os espaços que experienciamos e a afetividade, percebendo a potencialidade dessa relação direta e permeável, entendendo a afetividade e sua importância para proporcionar o desenvolvimento significativo para as crianças. A esse respeito, Wallon (1979, p. 209) postula:

O espaço não é primitivamente uma ordem entre as coisas, é antes uma qualidade das coisas em relação a nós próprios, e nessa relação é grande o papel da afetividade, da pertença, do aproximar ou do evitar, da proximidade ou do afastamento.

Neste sentido, realizar este projeto é perceber a importância da associação entre o espaço e a afetividade, pois pensar a organização, a observação e a relação entre os estudantes e as áreas verdes da escola foi um dos subsídios utilizados para proporcionar as ações elaboradas, realizadas e aqui relatadas.

Para além da experiência supracitada, vivida junto à árvore, a escuta da música “As árvores” de Arnaldo Antunes, num momento posterior, ainda com o pai da autora, foi também um elemento disparador de possíveis e futuras ações no ambiente escolar. As imagens formadas a partir da escuta da composição musical, com sua narrativa lúdica e poética, relacionada à

diversidade e os aspectos arbóreos, o projeto começou a ser desenhado numa articulação entre as intenções de aproximação sob gestos de cuidado e observação.

Como ação central do Projeto, durante o ano de 2017, e contando com a parceria do Arte na Escola Polo UFU em 2018, propusemos, então, aos estudantes dos 3^{os} e 4^{os} anos do ensino fundamental o acompanhamento do grande Flamboyant existente no estacionamento da escola. Essa árvore foi escolhida pelos/as estudantes por ser a mais antiga da escola. Dessa ação investigativa partiram as outras propostas interligando os registros escritos e visuais produzidos aos conteúdos específicos do ensino de arte, num processo coletivo de constante observação, escuta e avaliação das ações.

As visitas sistemáticas ao Flamboyant (Figura 01) possibilitaram, ao longo da pesquisa, a aproximação entre a arte e a vida. A intenção era possibilitar aos estudantes daqueles anos escolares uma diversidade temporal e de contextos artísticos como referência, como forma de relativizar e de comparar as diferentes contribuições dadas por artistas ao longo da história da arte. Ilustrando algumas dessas escolhas, selecionamos a contribuição dada pelos Artistas Viajantes no período colonial brasileiro: a ilustradora botânica inglesa Margaret Mee (1909 - 1988) e o artista polonês, naturalizado brasileiro, Frans Krajcberg (1921-2017). Buscamos, também, por meio de cada referência compartilhada com o grupo em nossos encontros, reforçar o convite permanente ao questionamento e à desconstrução do desenho previamente construído de uma árvore, nosso tema gerador.

Figura 01: Visitas sistemáticas ao Flamboyant no estacionamento da escola.



Fonte: Acervo das autoras.

Algumas sugestões, desejos e observações feitas pelos estudantes ao longo do processo foram incorporadas ao projeto, como o uso de um diário no lugar do caderno, por exemplo, o que nos apontou mudanças, reflexões e estratégias, numa ampliação das possibilidades de interlocuções. A possibilidade de flexibilização do planejamento e do seu respectivo percurso foi uma característica fundamental do processo, marcado pela prática da escuta e da avaliação permanentes do grupo como ferramenta didática. Isso garantiu a possibilidade de que novos elementos fossem inseridos ao longo do caminho, na medida em que novas demandas (dúvidas, dificuldades, sugestões, acontecimentos) surgiam. A morte do artista Frans Krajcberg no final do ano de 2017 foi um acontecimento marcante que comoveu a todos, fazendo com que os estudantes sentissem a necessidade de incorporar ao projeto as suas manifestações de carinho e despedida por sua morte por meio da escrita de mensagens e da realização de desenhos.

Ações didáticas

Neste relato, faremos um recorte das ações didáticas realizadas no primeiro semestre de 2018 no decorrer de duas aulas semanais de Arte. Inicialmente efetuamos um momento de diálogo com os estudantes no qual foi apresentado o desenho do projeto que seria desenvolvido ao longo do ano e que intitulamos como “Árvore querida: uma experiência de afeto e natureza”. Conversamos de uma maneira geral sobre como é desenvolver um projeto e a ideia de processo e pesquisa-ação artística que o envolveu. Falamos sobre a continuidade das ações e os desdobramentos do tema, bem como a importância da participação ativa e investigativa que eles teriam na construção do projeto, enfatizando a ideia de autoria e de constante diálogo, elementos que seriam naturalizados em nossa prática.

Descrevemos para as turmas o projeto realizado no ano anterior, em 2017, as ações desenvolvidas, as impressões e os resultados alcançados, assim como também foi apresentada a árvore como tema para a continuação do projeto. O grupo de estudantes aprovou o elemento de investigação e demonstrou interesse e disposição para as ações, ao serem convidados e instigados a explorar os contextos escolar e pessoal, numa abertura não só para os conteúdos propostos em sala, mas também para as experiências pessoais que poderiam ser compartilhadas.

As propostas foram enunciadas para os estudantes e comunidade escolar, assim como a parceria com o Arte na Escola Polo UFU, que ali se iniciava. Salientamos que para o desenvolvimento da proposta seriam necessários o comprometimento e a atenção às

responsabilidades individuais e coletivas, e que o trabalho, a organização, o empenho e a criatividade seriam fundamentais. O diálogo resultou na aprovação e no desejo dos estudantes em participar efetivamente das ações. Arcando com os combinados, eles registraram as informações no caderno de arte para que os responsáveis tomassem conhecimento das ações didáticas desenvolvidas em sala de aula, numa intenção de que a comunicação entre a família e a escola fosse também parte do projeto.

Como primeira ação investigativa, o grupo foi provocado a pensar nas árvores da escola, eles foram questionados quanto à quantidade, à diversidade, à localização e como cada um dos estudantes se relaciona com elas. Após esse momento de indagações, foi proposta uma expedição pela escola, (Figura 02) para um momento de observação atenta e investigativa com o intuito de levar os participantes a contar as árvores existentes nos espaços da escola (quadra, pátio, estacionamento e salas anexas).

Figura 02 – Estudantes em expedição pelos espaços da escola.



Fonte: Acervo das autoras.

Nesse momento prático, tomando como referência as anotações científicas, foi solicitado que os/as estudantes coletassem os dados de modo a observar, descobrir e investigar as características das árvores, seu aspecto, sua condição, suas particularidades, acompanhadas das impressões e sensações causadas. O relatório foi feito no caderno e, para além das

anotações, solicitamos que coletassem alguns elementos naturais durante o percurso e desenhassem, caso sentissem necessidade. A expedição foi realizada no outono e essa informação foi pontuada, expondo que como a nossa observação se estenderia até o final do ano, seria interessante que eles estivessem atentos a tudo e registrassem a quantidade e coloração de folhas, se havia flores e frutos, visto que faríamos outros momentos de observação das árvores ao longo do tempo e esses primeiros registros seriam importantes elementos de comparação e estudo.

Finalizamos esta atividade na sala, compartilhando os registros e os elementos coletados. Cada estudante contou uma quantidade diferente de árvores, alguns pegaram folhas e colaram nos cadernos, já outros realizaram desenhos. Observamos as impressões sobre as árvores e as descobertas feitas, e um dos estudantes apontou o conteúdo que estavam estudando em ciências, ao ver os musgos nas árvores, relacionando e interligando as informações, numa visão interdisciplinar do conhecimento construído. Todo esse primeiro processo de observação, anotação e análise foi importante para o desenvolvimento processual do projeto, do ensino e da aprendizagem em arte e da relação afetiva com a natureza, a vida e o ambiente escolar.

Após o processo de observação e anotação das características das árvores, os estudantes foram convidados a fechar os olhos e lembrar de uma árvore. Poderia ser uma árvore já conhecida ou imaginária, e então, solicitamos que fizessem um desenho de memória dessa árvore. Neste momento, a importância do processo de criação em arte se tornou ainda mais evidente, pois segundo Fayga Ostrower (2002), criar é um processo existencial, na medida em que não abrange apenas técnicas e conceitos, mas principalmente pensamentos e emoções que, num jogo de movimento constante, demonstra a estabilidade e a instabilidade no processo do fazer, por meio da atividade chamada de desenho de memória. Podemos, ao longo do processo, observar os estudantes realizarem os trabalhos ativando essas associações, recorrendo às escolhas dos elementos, das composições, das cores e do preenchimento de espaço da folha do caderno de desenho.

Após a proposta de desenhar a partir da lembrança de uma árvore, foi realizada uma avaliação coletiva (Figura 03) mediante o compartilhamento dos desenhos, o que gerou discussões e reflexões sobre as árvores desenhadas, as memórias afetivas e as sensações de pertencimento ali representadas por cada estudante.

Figura 03 – Exposição e análise dos desenhos de memória das árvores.



Fonte: Acervo das autoras.

Esses desenhos trouxeram, majoritariamente, árvores que faziam parte das casas e de outros espaços de acolhimento dos estudantes, ou seja, dos seus lugares de memórias. Discorremos, na medida em que os desenhos eram apresentados por cada um, sobre os diferentes modos de representação artística através da linguagem do desenho, atentando para as diferentes árvores que ali surgiram. Algumas se aproximando de uma representação mais realista, outras mais subjetivas, misturando elementos estéticos e trazendo características diversas.

As questões apontadas aqui para a realização das ações encontram-se ancoradas no discurso de José Gil (2005, p.48), o qual contextualiza a reflexividade do olhar, quando afirma que “ver é ser visto, porque olhar é ser olhado”. No entanto, um indivíduo ao olhar, também é olhado, ao representar, também representa um pouco de si e do que é narrado como memória através do desenho. “Reenvia-me o espaço da atitude do meu olhar: como uma topologia do espírito, uma paisagem exterior de um interior” (GIL, 2005, p. 48).

Essa atividade representou uma oportunidade singular de ressaltar as muitas maneiras de se fazer um desenho, introduzindo a ideia fundante de que a forma do desenho depende da intenção e da perspectiva do olhar de quem o realiza. Foi possível mostrar aos estudantes a

diversidade do gesto e da linha, numa primeira abordagem dos desenhos costumeiros e seus elementos repetidos e automaticamente representados.

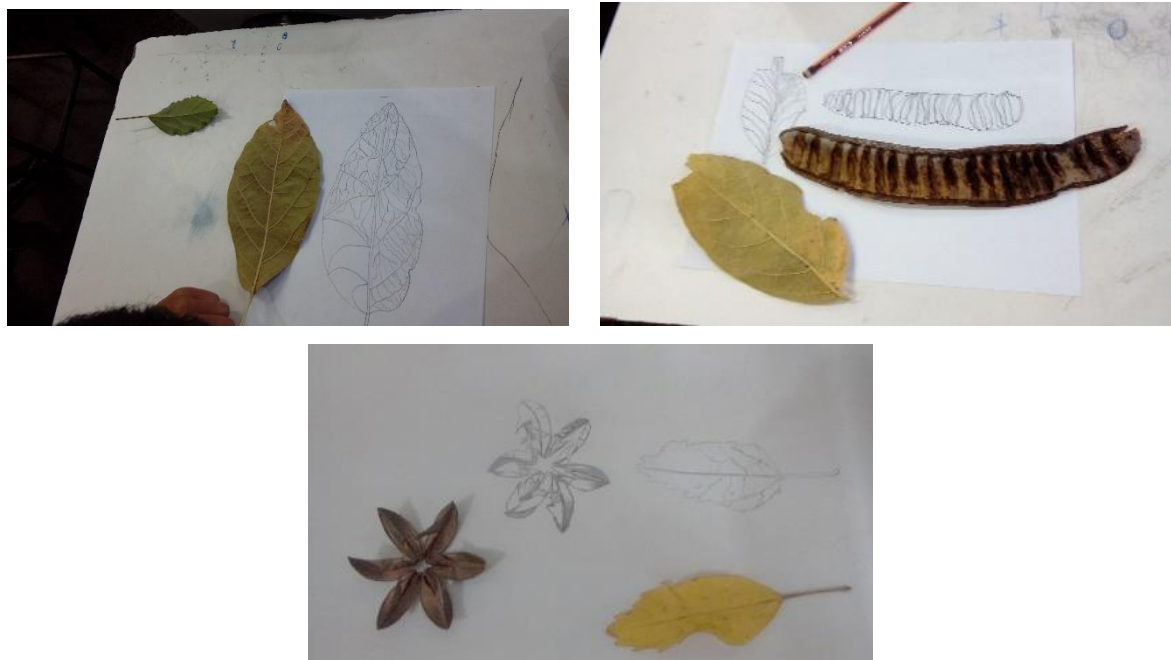
Pensando na continuidade do diálogo iniciado, elaboramos uma atividade na qual os estudantes tinham que, no estacionamento da escola, escolher um elemento natural que por ali encontrassem, como um galho, uma folha, uma pedra, para que após a escolha, eles pudessem desenhar já na sala de aula. O objetivo era que os estudantes fizessem um desenho de observação diferente daquele feito anteriormente, em que a memória havia impulsionado a criação. Assim, a escolha do elemento foi consciente e atenta às texturas, cores e formas. No momento do desenho, a concentração e a atenção foram fundamentais, num exercício diferente que exigiu um outro posicionamento e um novo olhar dos estudantes.

Refletimos sobre o processo do desenho e suas etapas, entendendo que o desenho começa antes mesmo do gesto, ou seja, no olhar, no reconhecimento das formas na atitude primeira de perceber e captar o espaço. José Gil em *A Imagem-Nua e as pequenas percepções* (GIL, 2005, p. 48), colabora em nossas conversas quando nos diz que “o olhar implica uma atitude” e que nos colocamos não apenas “numa posição de ver, mas de participar do espetáculo total da paisagem”. Como relata Anamelia Buoro (1996): “o conhecimento do meio é básico para a sobrevivência, e representá-lo faz parte do próprio processo pelo qual o ser humano amplia seu saber”. (BUORO, 1996, p. 20). Seguindo este pensamento, foi solicitado aos/as estudantes que ao selecionarem os objetos naturais, prolongassem o tempo de observação atenta e criteriosa, buscando entender, por meio da percepção do entorno, porque os materiais estavam naquela posição, como o meio interfere e exerce influência nas ações e nos estados que vivemos, e como o tempo age na materialidade dos elementos ali disponíveis, tais como nas sementes, nas folhas, nas pedras.

Essa proposta foi complexa, foi um desafio para os/as estudantes que, ao apresentarem os resultados alcançados, descreveram suas dificuldades que, em sua maioria, foram em torno da expectativa criada pela natureza da representação figurativa e da frustração de nem sempre se conseguir atingir o padrão incorporado por eles ao longo do processo de ensino e aprendizagem em arte. Muitos se dedicaram pela primeira vez ao exercício de desenhar a partir da observação, sem recorrer ao automatismo da forma já conhecida, o que demonstrou ser uma ação artístico-pedagógica de grande potencial para a desconstrução dos estereótipos.

Ao propor este desenho de observação, percebemos que a pausa do corpo e do gesto, assim como a observação demorada dos elementos coletados foram também condições desafiadoras para o grupo. O tempo do desenho havia se transformado para eles, assim como nos lembra Ana Mae Barbosa no livro *Arte-educação: leitura no subsolo* (2006), que a mudança do gesto e dos olhares acostumados se transforma com a prática da observação delongada sobre os objetos. No entanto, o uso de formas e linhas não conhecidas havia trazido novidade e por vezes insegurança gerada pelo desconhecido, o que apresentou resultados inesperados para os estudantes, quando, ao apreciarem seus desenhos, sentiram-se orgulhosos de suas produções, pois acreditaram, ao desenharem uma folha, uma flor, ou um graveto, de modo diferente do habitual, haver rompido com padrões automatizados, na medida em que pensaram a forma, olharam para o objeto, olharam a imagem e a criaram. Esse exercício do olhar e de se aventurar pelo desenho permitindo novos gestos trouxe boas surpresas para todos (Figura 04, 05 e 06).

Figura 04, 05 e 06 – Resultados dos desenhos de observação dos estudantes.



Fonte: Acervo das autoras.

Após as experiências vivenciadas com a prática do desenho de memória e de observação e as reflexões geradas e compartilhadas, trouxemos como referência imagética algumas obras dos Artistas Viajantes que vieram da Europa para registrar o Brasil Colônia. Um recorte da

história da Arte que ampliou a percepção, os saberes e o conhecimento sobre o desenho de observação, nos quais os/as estudantes puderam acessar diferentes referências artísticas, a partir da proposta da observação e leitura imagética da representação figurativa, indicando as características de um espaço e tempo distinto do contemporâneo.

Neste momento, localizamos historicamente o período colonial brasileiro, indagando sobre o conhecimento que já tinham sobre esse tempo-espaço e as características das produções artísticas desse contexto. Instigando a imaginação discente, questionamos quanto às diferentes formas de registros pictóricos, traçando paralelos comparativos entre os métodos realizados antes e após o surgimento da fotografia em 1826 e nossa época. Essa atividade abriu espaço para as reflexões acerca das muitas funções do artista e de sua obra para essa determinada época frente à capacidade de criarem imagens, registrando e documentando uma época, na falta dos recursos audiovisuais contemporâneos.

Para esse momento teórico, propusemos a leitura de algumas obras que retrataram árvores, através da reprodução de imagens dos artistas Albert Eckhout (Holanda, 1610-1666), Frans Post (Holanda, 1612-1680) e Johann Rugendas (Alemanha, 1802-1858). Durante o exercício de leitura das imagens, estiveram presentes questionamentos quanto às formas de registros que, naquele momento, variava entre as técnicas artísticas como a pintura, a gravura, o desenho, chegando até a fotografia e o seu surgimento, proporcionando reflexões críticas sobre as diferenças culturais, sociais e tecnológicas em diferentes épocas.

Deste modo, os encontros foram desenvolvidos a partir de um movimento de ampliação das referências teóricas e imagéticas, informações históricas e visuais que ampliaram as observações e traços dos desenhos realizados pelos/as estudantes ao longo do processo, alcançando o pensamento e a produção, proporcionando um percurso significativo de protagonismo, aguçando e instigando o processo do pensar e do fazer por meio da “sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual o seu contexto de referência e seus significados” (SANTAELLA, 2012, p. 13).

Após a apreciação e contextualização histórica e a leitura apreciativa das imagens, propusemos uma atividade prática no estacionamento da escola. Lá, cada estudante escolheu uma árvore e se posicionou em grupo ou sozinho para que fosse feito um desenho de observação, mas dessa vez, ali, contando com a proximidade do objeto desenhado e suas

demandas como a escala, a forma, o ponto de vista (Figura 07 e 08). Percebemos que alguns estudantes ainda desenhavam a partir de formas estereotipadas, apresentando dificuldade para realizar a proposta por não gostarem exatamente dos resultados que estavam alcançando, numa aceitação e reconhecimento da forma já padronizada. Por meio do processo de mediação e aproximação, alguns conseguiram desenvolver o desenho por meio da percepção do entorno, ampliando e sensibilizando o próprio olhar.

Figura 07 e 08 – Desenho de Observação das árvores no espaço aberto da escola.



Fonte: Acervo das autoras.

Após o exercício de ver e desenhar, as turmas foram indagadas sobre os ipês (árvores típicas do cerrado). Queríamos saber se os estudantes conheciam essa espécie de árvore e se já haviam visto algum ipê florido, visto que o ambiente escolar estava cercado por vários ipês e estávamos contemplando seu ciclo de vida. Durante as fases ao longo do ano, essas árvores apresentavam-se carregadas de flores de variadas cores: rosas, brancas e amarelas, e isso chamou a atenção das crianças. Deste modo, os ipês no interior dos muros da escola ficaram em evidência e em foco durante o percurso do desenvolvimento do projeto “Árvore Querida”.

Ao chegarmos na área verde da escola, foi proposto um momento de contemplação e escuta da natureza, um espaço/tempo de perceber o entorno, as folhagens, as flores as cores, tudo era motivo para comentários. Inclusive observamos não apenas o espaço de dentro da escola, mas também o de fora do ambiente escolar, onde a vista pudesse alcançar, visto que os muros eram de telinhas. Esta ação possibilitou a realização de momentos únicos aos discentes, que observaram cada detalhe e apontavam suas observações, como o chão do entorno da árvore cheio de flores caídas; avistaram mais de um Ipê florido; suas distintas cores; o som dos

pássaros no alto da árvore e até abelhas. Logo em seguida, solicitamos que cada um recolhesse do chão algumas flores de ipê e as levassem para a sala.

Já em sala, realizamos a observação da anatomia das flores. Os estudantes abriram-nas para ver como eram as estruturas internas e realizaram outro desenho de observação da flor de ipê em várias posições (Figura 09 e 10), inclusive realizaram o desenho a partir da flor aberta, pois alguns estudantes ampliaram o exercício de observação e buscaram uma investigação das estruturas internas da flor. A flor foi guardada dentro do caderno sem o uso de cola e fizemos uma exposição dos desenhos em sala de aula compartilhando as descobertas e dificuldades na realização do desenho de observação.

Figura 09 e 10 – Resultados dos desenhos de observação das flores do Ipê.



Fonte: Acervo das autoras.

Para finalizar essa etapa de desconstrução de estereótipos pelo desenho de observação, dedicamo-nos ao registro da Palmeira por meio do desenho de observação. Para esta proposta, organizamos o espaço, retiramos as mesas do refeitório do lugar habitual e as posicionamos em volta da palmeira para que pudéssemos desenhá-la em diferentes ângulos. Para além da modificação do espaço físico, o espaço disponível para o desenho, ou seja, o suporte também foi modificado, do sulfite A4, para o sulfite A3. Assim, os/as estudantes realizaram a proposta apresentando inicialmente algumas dificuldades, mas com o desempenho da mediação e com desenvoltura para a observação, atenção e sensibilidade para o ato de desenhar, foi possível experimentar.

A questão da mudança do espaço, da ocupação do pátio e da escola, trouxe também um novo fator que agregou ao projeto uma importância maior: toda a comunidade escolar que passava por ali, se interessava por aquela novidade, os discentes gostaram da experiência.

Encerramos esta ação de forma positiva, com os desenhos ocupando a folha A3 de modo bem resolvido e todos se mostrando satisfeitos com a experiência de terem ocupado lugares diferentes na escola, exercitando a vivência, o pertencimento e o afeto. As Figuras 11, 12, 13 e 14 registram o momento do desenho no pátio da escola, com os estudantes posicionados num primeiro momento na parte interna do pátio, onde puderam desenhar partindo de uma mesma distância e um mesmo posicionamento em frente à palmeira. E no segundo momento, posicionados em torno da palmeira mais próximos e com perspectivas diferentes.

Figura 11, 12, 13 e 14 – Desenho de observação da Palmeira no pátio da escola.



Fonte: Acervo das autoras

Como referência imagética do desenho científico, foi apresentada aos estudantes a ilustradora botânica Margaret Mee (1909-1988). Visualizamos algumas imagens da artista e assistimos ao documentário Margaret Mee e a Flor da Lua e refletimos sobre a vida e a obra dessa grande cientista. Falamos sobre o desenho científico e de suas características, diferenciando-o dos outros tipos de desenhos.

Em seguida, foi entregue um texto com informações sobre a artista e analisamos seus desenhos e aquarelas. Em especial, falamos sobre suas expedições para a Floresta Amazônica

e sua busca pela Flor da Lua. Os estudantes se comoveram com sua coragem e seu talento foi inspirador para a continuidade do projeto.

Cabe ressaltar que durante todos os momentos realizados no estacionamento da escola, não deixamos de apreciar e acompanhar o Grande Flamboyant, que desde o ano de 2017 esteve como cerne do projeto. As anotações e desenhos estavam presentes no diário de bordo dos/as estudantes, que acompanharam suas transformações ao longo do tempo. Porém, durante esses momentos de observações, em 2018, fomos percebendo que nossa querida árvore (Figura 15), nossa inspiração para a realização do projeto, foi perdendo as folhas e não se recuperou mais. Percebemos que seu tempo de vida estava findando, até que a escola fez a apuração e chegou ao diagnóstico de que, infelizmente, a nossa árvore querida estava mesmo morta e precisaria ser retirada do estacionamento.

Figura 15 – O grande Flamboyant no estacionamento da escola, a Árvore querida

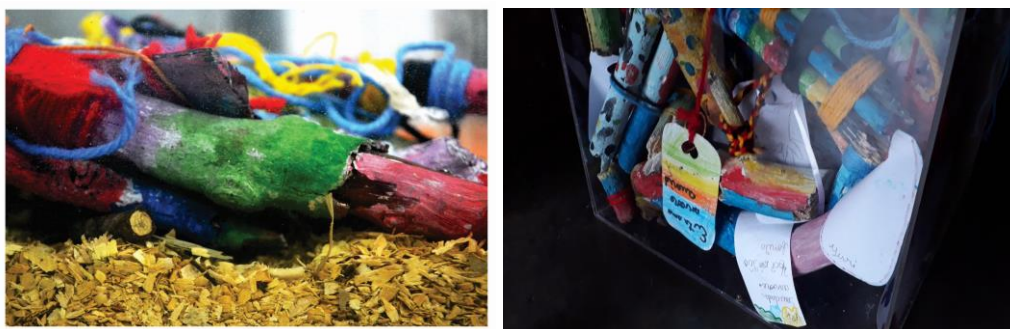


Fonte: Acervo das autoras

Como registro dessa passagem, realizamos algumas ações para a finalização deste ciclo, como ações performativas, frases, fotografias e uma caixa objeto (Figuras 16 e 17), com homenagens ao Flamboyant, num movimento de agradecimento e envolvimento com a natureza, com a arte e com a vida. Dentre as homenagens propostas, recolhemos serragem e galhos que ficaram no espaço após o Flamboyant ser serrado e retirado do estacionamento da

escola. Foi proposto que as turmas escrevessem bilhetes de despedida e criamos duas caixas: uma com a serragem, os galhos pintados e os bilhetes e a outra sem serragem, mas que continha todas as expressões de carinho manifestadas pelos/as estudantes. Portanto, neste momento do projeto, percebemos a resignificação dos elementos e suas plasticidades, a contemplação e o respeito à morte do Flamboyant, transformando o fim do seu ciclo de vida em poética artística.

Figura 16 e 17 – Homenagens a Árvore Querida



Fonte: Acervo das autoras

Impressões e futuras ações

Aqui, neste relato, apresentamos as ações do projeto “Árvore querida: uma experiência de afeto e natureza” realizadas no primeiro semestre do ano de 2018. Almejamos para o segundo semestre, desdobramentos dos processos práticos artísticos explorando outros suportes, objetos, materiais, gestos e processos criativos. Para tal, está previsto um encontro com a artista de Uberlândia/MG Mariza Barbosa para nos contar sobre sua ação performática “Está caindo flores”, sobre seu processo de criação artística e seus caminhos poéticos; passeios e ações fora da escola; bem como a maior participação das famílias por meio do resgate de árvores, de desenhos e de memórias.

Percebemos que a realização deste projeto proporcionou importantes momentos de respeito, admiração e aprendizagens significativas, tanto discentes, quanto docentes. As imagens que permeiam o cotidiano escolar contam muito sobre o processo de construção de conhecimento como um todo, onde a reflexão e a autoexpressão nem sempre possuem espaço. Descobrimos o quão significativo é o processo de mediação, de escuta e aproximação do objeto para que haja bom desenvolvimento de projeto em arte, e como o olhar atento e os exercícios de ver auxiliaram no gesto do desenho, que se modificou ao longo de processos que permearam

a percepção, a exploração e a apropriação do espaço escolar numa relação de resgate de memórias e de pertencimento, além da valorização e do respeito à natureza, como fio condutor das propostas.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997. In: CHRISTOV, Luiza H. da Silva; MATTOS, Simone A. R. (Org.). **Arte-educação: experiências, questões e possibilidades**. São Paulo: Expressão e Arte, 2006.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: Cortez, 1996.

GIL, José. **A imagem-nua e as pequenas percepções: Estética e Fenomenologia**. Tradução Miguel Serras Pereira. Portugal, Lisboa: Relógio d'Água, 2ª edição, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. O campo teórico e profissional da Didática hoje: entre Ítaca e o canto das sereias. In: **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Trajetórias e processos de ensinar e aprender: Didática e formação de professores**. XIV ENDIPE. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2008. [234-251].

MARGARET MEE E A FLOR DA LUA. Malu de Martino. Brasil: Bretz Filmes, 2012 (78min.)

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

VIAJANTES, Artistas. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3778/artistas-viajantes>. Acesso em 21/01/2021.

WALLON, Henry. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. Petrópolis: Vozes, 1979.

WALLON, Henry. **Afetividade e aprendizagem** – Contribuições de Henry Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.